

**BIBLIOTECA  
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00114465

Data 25 / 02 / 2007

( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

MARIA MADALENA DE SOUZA

REITERAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE IDENTIDADE  
EM *TODOS OS NOMES*, DE JOSÉ SARAMAGO

82.09  
5729n  
Ex 01  
C92S6 8924

Pontes e Lacerda – MT  
2006 / 2

MARIA MADALENA DE SOUZA

REITERAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE IDENTIDADE  
EM *TODOS OS NOMES*, DE JOSÉ SARAMAGO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
em Letras, apresentada ao Departamento de  
Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato  
Grosso – Campus Universitário de Pontes e  
Lacerda, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Elair de Carvalho

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

---

Profª Ms. Susanne Maria Castrillon da Silva

---

Profª Ms. Renata Beatriz Brandespin Rolon

---

Profª Ms. Elair de Carvalho

Local e data da aprovação

---

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e às minhas irmãs: Helena e Maria Aparecida (In Memórian) pela dedicação e apoio demonstrado, nesta importante, etapa de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me concedido saúde e paz durante todo o curso, me ajudando para que assim eu pudesse continuar a minha caminhada. Agradeço a meus amigos; Geni, Gracilene, Iracema. e Joseane pelo auxílio e apoio durante todo o curso.

Agradecimentos em especial aos meus professores; Profª. Ms. Tereza de Pazos, Profª. Doutoranda Madalena A. Machado, pela confiança em mim depositada, além do auxílio e dedicação demonstrado ao longo do curso. Também agradeço à coordenadora do TCC Profª Ms Silvia Regina Nunes.

Por último, agradeço a todos os professores da UNEMAT de Pontes e Lacerda e a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

Que Deus abençoe a todos.

*Parece ser esta nossa necessidade de ir pelo mundo a dizer quem somos, mesmo quando acabamos de ouvir, Ah, é você. (José Saramago)*

## RESUMO

O presente trabalho procura demonstrar através dos estudos críticos e teóricos que embasaram a obra de Saramago as diversidades identitárias presente na obra *Todos os Nomes* (1997) com o objetivo de identificar a problemática da identidade do mundo contemporâneo.

Partindo deste pressuposto José Saramago, questiona, ironiza a identidade fixa, pré-estabelecida pelo sistema vigente e suscita reflexões do leitor, para que o mesmo observe a si mesmo e a seu semelhante e assim compreenda as suas identidades culturais e identitárias.

Nessa perspectiva entendemos que o fio condutor da obra é a desconstrução da identidade fixa, estabelecida pelo sistema social e através desta desconstrução de identidades Saramago demonstra que o ser humano apresenta diversas faces.

Para respaldar nossa análise utilizaremos o crítico Abdala Júnior, que comenta sobre as identidades desse mundo pluralizado, em que o homem personifica.

Salientamos que também utilizamos críticos de renome como Álvaro Lillian Lopondo, Silviano Santiago, Antonio José Saraiva e Oscar Lopes, Eduardo Calbucci; e os teóricos Walter Benjamin e Anatol Rosenfeld.

Palavras-chave: identidade, desconstrução e diversidade.

## SUMÁRIO

|                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| RESUMO.....                                                                                  | 09 |
| APRESENTAÇÃO.....                                                                            | 10 |
| I.A LITERATURA DE SARAMAGO E A TENDÊNCIA.....                                                | 12 |
| II. REITERAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE IDENTIDADE EM<br><i>TODOS OS NOMES.</i> ..... | 23 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                    | 36 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                              | 37 |
| BIBLIOGRAFIA.....                                                                            | 38 |

## APRESENTAÇÃO

O mundo contemporâneo é cada vez mais globalizado, com a expansão das diversidades culturais a sociedade não assimila os valores das relações humanas; é multifacetado, dinâmico e pluralizado.

No primeiro capítulo apresentamos os romancistas portugueses que surgiram com as novas tendências que caracterizaram a Literatura portuguesa, porque os escritores portugueses Alves Redol, Fernando Namora, Virgílio Ferreira, segundo Saraiva e Lopes renovaram as temáticas e a forma criando um novo estilo diferenciado da literatura "européia". Dentre eles José Saramago sobressai, mesmo sendo influenciado pela tendência neo-realista.

Saramago inovou e criou um novo estilo, ousou retomar a base da oralidade inserindo em sua obra o coloquialismo e suas experiências pessoais tornado-se igual aos narradores orais. Segundo Walter Benjamin os melhores narradores *são aqueles que menos se distinguem dos narradores orais*, Saramago com sua maestria retoma esse narrador, cria sua escrita retirando os pontos finais e travessões, tornado assim a leitura de suas obras complexa.

Ao reconhecer essa complexidade o autor sugere respostas salientando que os leitores apreciem a obra justamente pela leitura difícil, mas que eles não permitam que as *difficuldades os vençam*.

Desde 1980, Saramago mantém seu estilo que é dada vez mais elaborado. Nossa análise será feita sobre a obra *Todos os Nomes* a qual é muito complexa pelas simbologias, pelo fato de comentar sobre os temas comuns na sociedade. A presença da identidade já vem expressa na epígrafe da obra que diz *conheces o nome que te deram não conheces o nome que tens*.

No segundo capítulo iniciaremos a análise identitária de acordo com o exposto acima. Através da desconstrução da identidade fixa, Saramago coloca em discussão as aparências, as diversidades culturais demonstrando que o homem possui diversas facetas. Nosso objetivo é identificar essa inversão identitária, para isso o crítico Abdala Junior sustentará a nossa argumentação, também trata dos temas referentes à sociedade, exploração social, autoritarismo, suicídio, vida e morte.

Saramago leva o leitor a refletir sobre si mesmo e o outro despertando o homem para observar ao seu redor e assim respeitar e conhecer as diferenças culturais e identitárias levando em consideração que a verdade pode ser mentira, isso mostra que a sociedade vive em um mundo de aparência. Diante disso procuramos mostrar de que forma o autor desconstrói a identidade e mostra o viés do ser humano, nessa perspectiva iremos analisar a obra em questão.

## CAPÍTULO I

### A LITERATURA DE SARAMAGO E A TENDÊNCIA NEO-REALISTA

Neste capítulo comentaremos sobre Saramago e sua obra, a tendência neo-realista, bem como o seu estilo literário. Primeiramente relataremos o trabalho do autor e no segundo momento a tendência neo-realista. Saramago estreou nos meios literários com o romance, *Terra do Pecado* (1947), que foi publicado no período neo-realista, mas segundo Calbucci (1999) é *no naturalismo que podemos observar os traços literários dominantes em Terra do Pecado*. Essa escolha em escrever uma obra fora do movimento da época foi criticada, como afirma Calbucci:

O romance, *Terra do Pecado*, foi escrito, portanto, na época neo-realista, embora a obra, segundo Horacio Costa, apresente uma notável defasagem estilística e, mesmo temática, em relação à escrita romanesca que então se processava em Portugal sendo que é no naturalismo que podemos observar os traços literários dominantes em *Terra do Pecado* (CALBUCCI, 1999, p. 13).

O fato de Saramago não ter engajado no movimento neo-realista para escrever sua obra de estréia, talvez esteja ligado ao fato dele não ter se dedicado a escrita literária, bem como o fato de que, no período em que Saramago publicou o livro *Terra do Pecado* em Portugal, recebia a influência da Literatura Brasileira. Esta trazia renovação vocabular, a valorização do ser humano, o coloquialismo, e, teve como representante: Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz entre outros. Essa tendência expandiu em Portugal em 1938.

Essa nova perspectiva refletiu em Portugal, invertendo situações, pois até então o Brasil foi influenciado por correntes *européias* como o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo. Agora ocorreu o contrário: a literatura brasileira influenciou a literatura portuguesa. Gomes afirma que a origem do movimento neo-realista nasceu:

da crise do pós-guerra, da crise da instalação do fascínio em Portugal. Mas, sobretudo, o que não se pode esquecer é que esse movimento sofre a forte influência de um *novo realismo* na literatura,

principalmente o que se pratica nos Estados Unidos e no Brasil [...], como não poderia deixar de ser, esse tipo de ficção, de cunho social, escolhe o romance como forma adequada de expressão. Romancistas como Upton Sinclair, John dos Passos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, propagaram a nova moda não só na forma privilegiada o relato direto, seco, temperado pelo lirismo (GOMES, 1993, p. 21).

A literatura Brasileira ao influenciar a literatura Portuguesa propagou uma nova perspectiva: a renovação dos temas e da forma. Isto ocorre em oposição ao *gongorismo*, isto é, caracterizado por um excesso de metáforas, antíteses, inversões, trocadilhos, e alusões clássicas. Os autores da década de 30 no Brasil procuravam inserir a linguagem popular nos textos. Em Portugal acontece o mesmo como afirma Saraiva e Lopes:

A renovação do realismo processou-se, como vimos, ao longo da década de 30. [...] o neo-realismo apresenta como características básicas (e explícitas no seu próprio nome, que se generaliza desde 1938) uma nova focagem da realidade portuguesa [...], crítica o elitismo pedagógico [...], pois tem em vista a conscientização e dinamização de classes sociais mais amplas (SARAIVA e LOPES, 1996, p. 102).

O Realismo expõe a concepção de que o homem é produto do meio, e o neo-realismo vem retomar outra posição, observando o homem, a sociedade como sendo dinâmico conforme salienta Moisés:

Pode se dizer que o neo-realismo tem raízes no Realismo da geração de 65, a concepção da existência desses é substituída por uma visão dinâmica da realidade. Em vez, portanto, de aceitar a idéia de que o homem é produto do meio, os neo-realistas preferiram vê-lo como um produto de forças sociais, políticas e econômicas no contexto de uma sociedade em permanente evolução (MOISÉS, 1993, p. 159).

De acordo com Moisés percebemos as diferenças entre as tendências em questão. A tendência realista acredita que o homem é produto do meio em que vive, já a tendência neo-realista o vê como produto de força social em permanente evolução. A renovação das tendências nessa época, em Portugal; segundo Gomes (1999), faz surgir *dentro desse movimento, uma importante*

*geração de romancistas entre os quais se destacam: Alves Redol, Manoel Fonseca, Carlos de Oliveira, Fernando Namora e José Carlos Pires.*

Com a renovação temática e da forma, os romances portugueses expandiram-se, cada escritor desenvolveu seu próprio método dentro de suas concepções.

De acordo com Gomes o romance de Saramago é diferenciado do movimento:

Mas é evidente que o romance difere da ortodoxia do movimento por uma maneira especial de narrar: quem conta é alguém que se auto-domina *narrador*, e isto serve para provocar um distanciamento crítico da narrativa. Além desse aspecto, vale ressaltar, ainda no plano da narrativa, os recursos, o coloquialismo, a oralidade, as ascensões da fala popular, dos ditos, e da intercalação de vários registros de fala dão ao romance a modalidade, que procura renovar a temática já explorada à exaustão pelo neo-realismo (GOMES, 1993, p. 35).

Nesse sentido compreendemos o que Gomes afirma sobre as obras de Saramago que se assemelham às dos demais romancistas neo-realistas no seguinte aspecto: na utilização da literatura como instrumento de resgate da sociedade marginalizada.

Depois de aproximadamente duas décadas em silêncio, José Saramago voltou a escrever em 1966 e publicou *Os Poemas Possíveis*, após escreveu poesias, contos e crônicas.

Em seguida, na década de 70, com a revolução dos cravos, a produção romanesca reduziu-se. Como bem observam, Saraiva e Lopes apud Gomes (1993), os escritores, nos anos posteriores à revolução concentraram-se em tarefas de caráter jornalístico, pedagógico, administrativo e partidário. Essa redução na literatura permitiu que os escritores abordassem uma nova perspectiva literária diferente das anteriores.

A revolução dos cravos acendeu uma chama socialista, justamente no momento em que Saramago ganhava forças no jornal lusitano. Porém um contra-golpe de direita destruiu as esperanças de expansão do socialismo, boa parte da redação do jornal foi demitida, inclusive Saramago, seu diretor-adjunto.

Entre 1976 e 1980, Saramago viveu de traduções do francês, sem procurar outro emprego. No entanto, tinha um projeto em mente: escrever um

romance. Somente na década de 80, os romancistas portugueses surgiram com novas tendências que caracterizaram a literatura portuguesa fazendo com que o país se tornasse independente da influência européia.

Em consonância com Gomes (1993), é a partir da década de 80 que surgirá nova geração de romancistas com vozes próprias e refletindo tendências diversas dando a ficção portuguesa contemporânea um perfil, bem próprio e independente das influências européias, tanto na exploração de seus temas, quanto nas inovações formais.

O romance português atravessa um momento histórico, porque José Saramago é o principal representante da contemporaneidade devido sua maestria na produção literária. Ele só se dedicou, na prática, à sua carreira literária com 58 anos de idade. Durante toda a vida ele foi um leitor voraz, tendo também praticado vários gêneros literários: isso deu-lhe subsídios para sua obra cinquentenária.

Observando o fato de Saramago iniciar a carreira literária na maturidade, lembramos os escritores brasileiros como: Machado de Assis, Guimarães Rosa, que também tiveram destaque em suas obras na maturidade, ou seja, os melhores romances destes escritores, considerados pela crítica literária, aconteceu nesse período. Segundo Calbucci (1999):

Saramago, Machado e Rosa, respeitadas as diferenças, assemelham-se por não se levarem apenas pelos impulsos incipientes da juventude, tendo conseguido moldá-los em uma certa maturidade estética o caso é que em Rosa isso foi um projeto de certo modo consciente, em Machado, foi o curso natural dos acontecimentos, em Saramago foi um imenso acaso. [...] não seria absurdo dizer, depois do que foi exposto, que Saramago começa a dedicar-se exclusivamente à Literatura já com uma obra prima, fruto dos anos, das leituras, das experiências literárias (CALBUCCI, 1999, p.19-20).

Ao dar início à carreira literária na maturidade, Saramago soube reunir todos os gêneros literários e tendências em suas obras. As obras do autor não podem ser classificadas como pertencente a um só gênero ou tendência, elas são múltiplas. As duas obras que podem ser consideradas pertencentes a uma só tendência é *A terra do Pecado* (1947), que expõe a tendência do

naturalismo e *Levantando do chão* (1980) que é apresentada como o único romance neo-realista do autor.

A maturidade proporcionou a Saramago uma bagagem de experiência de vida e leituras, para unir história, ficção e arte. Formando um todo, encontrou um estilo diferenciado e bastante pessoal. Conforme comenta Calbucci (1999, p.14): *os sinais de pontuação são todos substituídos por vírgula ou pontos finais; a organização sintática lembra o conceptismo barroco.*

As afinidades entre as obras saramaguianas e de Miguel Torga, Alves Redol, Fernando Namora é a renovação temática, mas somente Saramago ousou banir a gramática de suas obras, esse recurso começou na obra *Levantando do chão*.

A partir da publicação da obra mencionada Saramago passou a ser reconhecido pela crítica, justamente pelo seu estilo. Como veremos a seguir:

José Saramago apresentou-se como homem de grande visão do mundo por meio de sua escrita, em que procura refletir um olhar de conjunto sobre uma carreira bastante reveladora quando a questão fundamental que se colocam à atividade do escritor: relação ao talento, trabalho e maturidade, coloca-se de forma brilhante, capaz de refletir não só sobre o nosso presente, mas também sobre o nosso passado e futuro (LOPONDO, 1998, p. 11).

A maestria do autor é reconhecida tanto por Calbucci, quanto por Lopondo no que diz respeito à escrita diferenciada, à experiência que foi sendo construída ao longo da vida até a maturidade.

O amadurecimento proporcionou a Saramago mais talento e maestria para a produção literária. Em seus romances o escritor utiliza o discurso direto que é caracterizado por letras maiúsculas logo após a vírgula, a mudança de interlocutor é indicada da mesma maneira. Isto fica evidente na citação a seguir:

[...] apareceu-lhe uma mulher que perguntou em tom seco, Que deseja, ninguém atende aquele lado, E quê, Saberá dizer-me se aconteceu alguma coisa, Um acidente, uma doença, Por exemplo, É possível, veio uma ambulância buscá-la, E isso quando foi, Há três dias, E não houve mais notícias, sabe por acaso onde ela está, Não senhor, com licença <sup>1</sup>(T. N., 1997, p. 274).

<sup>1</sup> A sigla T.N. corresponde ao nome do romance de José Saramago denominada Todos os Nomes

Esse trecho nos confirma a total ausência de pontuação, por isso exige uma maior atenção do leitor para compreender o contexto. Ao utilizar esse estilo, Saramago distingue suas obras das demais, a mesma se torna muito complexa, porque a todo instante o leitor deve interpretar o texto. Saramago foi muito criticado por ter banido de suas obras as regras gramaticais e buscado utilizar a linguagem popular nos textos. Talvez seja essa complexidade que atrai o interesse do leitor pelas obras Saramaguianas, o sucesso é tão grande que até José Saramago surpreendeu-se e afirmou:

Sugiro uma investigação nesse sentido: porque livros que realmente não são leitura fácil tiveram e continuaram a ter tantos leitores, sendo tão evidente que o autor não faz concessões de qualquer espécie? Ele mesmo ensaia uma resposta: Ouso pensar que os leitores encontrem nesses livros, não digo uma resposta, mas os ecos das suas próprias inquietações e, sendo assim, não permitem que as dificuldades os vençam.<sup>2</sup>

Esse sucesso deve-se ao fato do interlocutor contemporâneo estar sempre em busca da compreensão do mundo e de si mesmo. Por isso os romances escritos nessa tendência tornam-se muitas vezes complexos. Ao contrário das obras do Romantismo, do Naturalismo e do Realismo, que não buscavam uma compreensão do homem por ele próprio, ou seja, ele mesmo se auto analisar, enquanto ser humano, nesta tendência se sente no ambiente em que está inserido. Por este motivo podemos dizer que as obras desses períodos literários (algumas delas) talvez não sejam tão intrigantes. Já a obra contemporânea especialmente a de Saramago, insere o leitor no contexto da obra e permite que este participe dos acontecimentos da seguinte forma: no decorrer da leitura, na busca pela compreensão, no assunto e na interpretação.

As obras do autor apresentam as mesmas características no que diz respeito aos temas e estilos. O que diferencia uma obra da outra é o enfoque do escritor que às vezes está centrado na vida campesina da classe menos favorecida, oprimida pelas classes dominantes em *Levantado do chão*. A crítica ao clero e à exploração operária em *Memorial do convento*, a humanização de Jesus Cristo em *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a desagregação humana no

---

<sup>2</sup> Este fragmento faz parte de uma entrevista com o autor em Paris, em 05 de fevereiro de 1997, e continuada por fax, de Lanzarote. Em 30 de março do mesmo ano.

*Ensaio Sobre a Cegueira*, por fim as diversidades identitárias e a opressão social em *Todos os Nomes*, a qual será nosso objeto de estudo.

Nesse romance Saramago busca suscitar reflexões no leitor, para que o mesmo observe a si mesmo, os seus semelhantes e assim possa ser consciente de suas ações no mundo em que vive. Assim, para falar com o leitor, Saramago tem em suas obras o narrador, que ironiza e disserta. Comprovamos este fato com a citação a seguir:

As horas foram passando, a manhã deu lugar à tarde, o que o sr. José conseguiu engolir ao almoço foi quase nada, alguma coisa ele terá na garganta para que tão facilmente lhe aconteçam estes nós, estes apertos, estas angústias, [...] a mulher desconhecida estava morta. (T.N. 1997, p. 163)

Como podemos observar, o narrador saramaguiano é crítico porque ao observar a realidade faz reflexões sobre a vida e as hierarquias sociais; ao narrar os acontecimentos, ele se posiciona à distância e observa os fatos.

Esse tipo de narrador é considerado por Calbucci (1999), onisciente intruso, porque vê *tudo* e no decorrer da narrativa intromete-se na fala das personagens, tece crítica, falando diretamente ao leitor.

A prudência tentava retê-lo, segurá-lo pela manga, mas, como toda a gente sabe, ou devia saber, a prudência só é boa quando se trata de conversar aquilo que já não interessa, que mal podia fazer-lhe abrir a porta, e rapidamente, buscar três ou quatro verbetes, vá-la, cinco que é a conta mais certa, deixaria as capas dos processos para outra ocasião, assim evitava ter de servir-se da escada. Foi, sobretudo esta idéia que o decidiu (T.N, 1997, p. 35).

Nesse trecho retirado da obra *Todos os Nomes* o narrador fala com o leitor e continua narrando os movimentos do protagonista. O narrador contemporâneo tem características diferenciadas do narrador romântico. Com o passar do século a sociedade evoluiu e a posição do narrador também, ou seja, a posição do homem diante dos fatos mudou a partir do Renascimento, da Reforma Protestante e das descobertas científicas. Com essas transformações sociais mudou-se a perspectiva para captar a essência do homem, e da sociedade. O narrador observa os fatos expondo seu ponto de vista, antes dessa mudança acreditava-se que existiria apenas uma *verdade*,

que o sol girava em torno da terra, mas com a descoberta de Copérnico, isso mudou, descobriu-se que era a terra que girava em torno do sol.

Com o surgimento de verdades, houve mudança na perspectiva, ou seja, a forma de narrar relativizou-se e perdeu a ordem da narrativa. A obra pode começar pelo fim, as personagens são construídas no decorrer da narrativa, o lugar e o tempo são dados ao leitor ao longo da narrativa. Conforme a definição de Rosenfeld:

Nota-se no romance do nosso século uma modificação que parece ser essencial à estrutura do modernismo. A eliminação do espaço, ou a ilusão do espaço, parece corresponder no romance à da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foi abalada, os relógios foram destruídos. O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começaram a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro (ROSENFELD, 1985, p. 80).

Entendemos que nos romances modernos não há enredo simples, as personagens são classificadas como esféricas, fragmentárias e complexas. De acordo com Forster (1998) o tempo e o espaço perdem a linearidade, com a desrealização do romance, isto é, o narrador não tem preocupações em descrever a realidade tal como ela é, por isso, o narrador apenas observa os fatos e tece comentários críticos dirigidos ao leitor.

O narrador não poderia continuar com a mesma posição do narrador de obra clássica como a *Odisséia* de Homero, que apenas observava os fatos, isto é, narra os feitos heróicos, porque o ângulo de visão dos fatos passou de uma para várias versões. Como afirma Rosenfeld:

É evidente que a visão perspectivica seria impossível na Idade Média. Como a terra é imóvel, fixa no centro do mundo, assim o homem tem uma posição fixa no mundo e não uma posição em face dele. A ordem depende da mente Divina e não da humana. Não cabe ao homem projetar a partir de si um mundo de cuja ordem divina ele faz parte integral, que ele apenas apreende *em parte* e cuja constituição não depende das formas subjetivas da sua consciência. No momento em que a terra começa a mover-se, essa ordem parece fadada à dissolução. A reviravolta Coperniciana é seguida de outra, no dizer de Kant: Já não é o mundo que prescreve as leis à nossa consciência, é esta que prescreve as leis do mundo (ROSENFELD, 1985, p. 78).

A transformação do romance realista para o contemporâneo ocorre da seguinte forma: O narrador realista narra apenas os fatos descrevendo os tipos físicos e psicológicos dos personagens, o tempo e o espaço são lineares. A perda da linearidade do tempo e do espaço proporciona a Saramago construir outro tipo de narrador que em terceira pessoa intercala-se a todo o momento com os personagens tecendo comentários irônicos. Para Saramago o narrador e o autor têm o mesmo significado, contrariando a opinião de muitos teóricos da literatura que distinguem narrador e autor.

No entanto, no caso de Saramago, esse tipo de recurso além de ser próprio de sua escrita, proporciona um elo entre narrador-autor que interage com o leitor. Nesse sentido Calbucci (1999) ressalta que, essa separação se torna quase impossível, pois seus narradores, apesar de estarem em terceira pessoa, não se privam de utilizar a primeira pessoa do plural para omitir opiniões, fazer ironias, discutir idéias. Portanto, Saramago valoriza um narrador 'intruso' que não participa dos acontecimentos da fábula, mas está sempre presente no discurso. As opiniões emitidas são do próprio Saramago, o que se percebe sem muito esforço.

Existe uma acentuada diferença entre o narrador saramaguiano e os narradores do Romantismo, do Realismo, do Naturalismo. Porque além da posição diferenciada do narrador, Saramago faz um retorno à oralidade, ao contador de histórias de que trata Benjamin (1994, p. 198). Este teórico afirma que é cada vez mais difícil encontrar narrador que sabe contar histórias, esta característica do narrador oral está presente em Saramago, daí a introdução do dito popular, característico do coloquialismo nas obras do autor. Este recurso está presente em todas as obras do autor, pois como ele busca sustento na oralidade, retoma a linguagem popular. Como veremos nos fragmentos retirados da obra *Todos os nomes*

Desde que o mundo é mundo, que o coração não sente o que os olhos não vejam [Em outro trecho outro provérbio:] alguma razão o povo há de ter para persistir em afirmar, não obstante as contrariedades da vida que a má sorte nem sempre há de estar atrás da porta, atrás desta pelo menos, como nos antigos contos. (T. N. 1997, p. 107, 214)

Através desse recurso, Saramago retorna à base da oralidade ao inserir a linguagem popular nos textos, banir a gramática e criar um novo estilo, despertou o interesse do crítico literário Eduardo Calbucci que ao estudar as características do romance de Saramago, constatou:

De fato o romancista em sua obra voltou à base da oralidade, em que toda a pontuação foi submetida por pausas longas e breves, exatamente como ocorre na fala. O problema é no ato da leitura, sente-se falta da entonação das conversas cotidianas, o que faz com que o texto de Saramago, paradoxalmente, apesar de recuperar a tradição oral dos contadores de histórias, seja de difícil inteligência justamente pelas ausências dos sinais de pontuação tão caros a linguagem escrita (CALBUCCI, 1999, p. 92).

Ao utilizar este recurso estilístico retomando a oralidade e inserindo na literatura Saramago inaugura um novo estilo, que aproxima mais o escritor do leitor.

Em relação às afirmações de Benjamin (1994) sobre a importância do narrador oral no mundo contemporâneo, podemos dizer que a característica do narrador oral é de contador de histórias que embasam nas experiências pessoais e alheias que é utilizada por Saramago em suas obras. Ao aproximar da fala e dialogar com o leitor, Saramago inaugura uma inter-relação, reata assim a comunicação entre narrador e leitor, relação que, segundo o crítico Silviano Santiago, está em baixa:

À medida que a sociedade se moderniza, torna mais e mais difícil o diálogo enquanto troca de opiniões sobre ações que foram vivenciadas. As pessoas já não conseguem hoje narrar o que experimentam na própria pele. (SANTIAGO, 2002, p.45)

O fragmento nos remete a uma das últimas obras de Saramago *Todos os Nomes* (1997). Nesta, o narrador dialoga com o leitor interagindo entre si, também podemos ressaltar que o autor insere suas experiências pessoais e alheias no romance, às vezes são evidenciados os aspectos pessoais da vida do autor na obra em análise. Conforme o próprio Saramago afirma:

Todos os nomes, por exemplo, foi bastante complicado e provavelmente não existiria se não tivesse coincido com a procura dos dados da vida e da morte do meu irmão (Francisco de Souza). Eu não queria saber as circunstâncias da breve vida desse meu

irmão, tem que ver com um livro para o qual tenho já muito material recolhido, que é uma autobiografia.<sup>3</sup>  
(Entrevista concedida por Saramago a revista Playboy 1998).

Ao se basear em suas experiências pessoais, Saramago escreve uma obra diferenciada que trata da identidade humana. Já no título da obra Saramago disserta, ironiza sobre a identidade do homem contemporâneo.

Abordamos as principais características de Saramago, para uma melhor compreensão do estilo, e da desconstrução de um modelo de identidade na obra *Todos os Nomes*.

No próximo capítulo analisaremos a obra. Ao comentar sobre o autor nesse primeiro capítulo, percebemos que Saramago com sua maestria consegue inserir, criticar a sociedade e o sistema social, de modo diferenciado por causa do estilo e ousadia. Ao entrar na questão de dessacralizar a história oficial sem preocupação com as críticas recebidas. O autor recria não só uma nova versão sobre os fatos que a história oficial não explicitou, mas com a intenção de introduzir a dúvida no lugar da certeza e chamar atenção para aquele passado que não foi aproveitado pela história. É através desse novo posicionamento crítico que a transformação social acontece, porque mostra que um fato pode ter várias interpretações, dependendo do ponto de vista de cada escritor. Esse posicionamento proporciona ao autor receber críticas, mas também ser elogiado.

Finalizamos dizendo que a escrita faz de Saramago um autor complexo e interessante. Dessa forma entendemos que a auto-crítica do autor proporciona a ele uma forma diferenciada em comentar sobre a vida humana; com ironia, leva o leitor a se conscientizar de suas decisões e atitudes diante da vida e de seu próximo. Saramago é um escritor que foi capaz de construir seu próprio caminho e nele busca conscientizar o homem de sua condição humana.

## II CAPÍTULO

### **REITERAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE IDENTIDADE EM *TODOS OS NOMES*.**

Neste capítulo, faremos um breve relato sobre o romance *Todos os nomes*, de José Saramago, publicado em 1997. O romance conta-nos a trajetória de um homem comum, que trabalha em uma conservatória do registro civil, mora sozinho, não tem amigos e tem como única distração colecionar recortes de jornais e revistas sobre a vida de pessoas famosas. Em certo dia encontra o verbete (registro) de uma mulher comum e a partir desse momento começa a sua busca pela identidade dessa mesma mulher. O protagonista é o único nomeado, os demais personagens são descritos a partir da profissão ou do lugar onde moram. Esse estilo de não nomear as personagens é uma característica do autor (que analisaremos no decorrer do trabalho).

Para analisar essa obra buscamos a sustentação crítica de Benjamin Abdala Júnior, porque ele estuda a globalização do mundo contemporâneo, afirmando que no mundo contemporâneo, o homem representa diversas identidades, pois para ele a identidade humana não é fixa, é variável, ou seja, o homem é caracterizado de acordo com o ambiente em que está inserido. Dessa forma ele apresenta uma face para o trabalho, outra para o ambiente familiar e assim sucessivamente. Como podemos observar abaixo:

Esse mundo carnavalesco está próximo do descentramento do sujeito iluminista que estabelecia uma identidade fixa, estável. No carnavalesco coexistem várias identidades, contraditórias, não resolvidas. Da identidade individual à cultural, tudo é provisório, variável e problemático. (ABDALA JÚNIOR, 2002, p.156)

De acordo com esta afirmação salientamos que o crítico defende que a identidade humana é dinâmica. Quando Abdala Júnior refere-se ao carnavalesco, quer dizer que existe inversão identitária do fixo para o provisório. A identidade humana varia ao longo da vida, não é possível falar que o homem, toma as mesmas atitudes. Então subentende-se que o homem age de acordo com as situações em que está exposto.

Observamos neste romance a identidade humana, em um mundo globalizado e ao mesmo tempo multicultural, em que as pessoas buscam interagir entre si. Assim as diversidades aparecem, os indivíduos assumem papéis sociais de acordo com a situação e o lugar onde vivem. Portanto assumem identidades múltiplas, isso proporciona a Saramago um novo posicionamento diante desta diversificação cultural, para isso, descentraliza a identidade, para que prevaleçam as identidades. Temos como exemplo o protagonista de *Todos os nomes*, Sr. José, que a princípio apresenta uma identidade de honesto, trabalhador, individualista, dedicado e incapaz de errar. Como podemos observar no discurso do narrador, *O Sr. José, até aqui apreciado pelos seus vários superiores como um funcionário competente, metódico e dedicado (...) (T. N. 1997, p. 78).*

Já em outro momento o protagonista apresenta-se como falsário e incompetente, porque ao encontrar o verbete da mulher desconhecida, despertou-lhe um grande interesse em saber mais sobre ela e para atingir seus objetivos falsificou uma credencial, transgredindo as ordens estabelecidas pelo chefe da conservatória. Apesar de temer que o conservador descobrisse a falsificação, o protagonista não desiste de procurar. Isso demonstra que o ser humano está sujeito a cometer erro. Assim o Sr. José manifesta uma identidade diferente daquela conhecida pelo seu chefe. Conforme a reflexão do narrador:

Até os bons tornar-se duros e prepotentes, mesmo que seja apenas escrevendo uma credencial, falsificada ou não. Dirão eles a desculpar-se, É que esse não era eu, estava só a escrever, a agir em nome doutra pessoa, e no melhor dos casos o que querem é iludir-se a si mesmos, pois, na verdade, a dureza e a prepotência, quando não a crueldade, era dentro deles que estavam a manifestar-se, e não dentro de outro, visível ou invisível. (T.N., 1997, p. 58).

Saramago demonstra que o ser humano possui os dois lados, o do bem e do mal, ou melhor, várias identidades, evidenciando as diversas faces que o homem adquire ao longo da vida. Conforme veremos a seguir:

A identidade torna-se uma *celebração móvel*: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos

rodeiam (...) o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Stuart Hall. In Benjamin Abdala Júnior, 2002 p.156).

Para tratar de identidade, José Saramago constrói uma obra que somente o protagonista é nomeado, *além do seu nome próprio de José, o Sr. José também tinha apelidos [...] (T.N.1997, p.19)*. Os demais personagens não têm nomes próprios, são descritos de acordo com a profissão ou o lugar em que habitam. Comprovamos este fato com o fragmento a seguir: *[...] e o chefe apareceu, Boa tarde Sr. Doutor [...] (T.N.1997, p.127)*.

Dessa forma, Saramago procura trazer a problemática da identidade ao interlocutor, para que reflita sobre a mesma e assim possa reatar as relações sociais. Para tanto, o autor abstêm-se do nome próprio, pois para o mesmo, a ausência do nome universaliza o ser humano, que vive à margem da sociedade, não é valorizado. Dessa forma, Saramago comenta sobre os problemas do homem. Conforme afirmação do crítico Eduardo Calbucci:

É importante notar que Saramago não nomeia as personagens do seu romance, deixando-as num suposto anonimato (suposto porque elas são a todo tempo individualizadas). Essa ausência de nomes cria um efeito universalizante, constatando que as grandes desgraças igualam os homens nos medos, nas necessidades e nos sonhos (CALBUCCI: 1999, p.88).

Notamos então, que um dos objetivos de Saramago é universalizar o homem independente de etnia e classes sociais. A ausência de nome está associada à identidade, pois o nome recebido ao nascer não representa o ser na sociedade em que vive. A omissão de nomes na obra de Saramago tem significação importante, pois segundo CHEVALIER & GHEERBRANT: (1996) o poder do nome não é apenas chinês e egípcio ou judeu, pertence à mentalidade primitiva. Conhecer o nome, pronunciá-lo de um modo justo, é poder exercer um domínio sobre o ser ou sobre o objeto.

A importância do nome em todas as civilizações ocorre porque invoca um ser, uma existência. Já a ausência dos nomes na obra em questão segundo alguns escritores como Calbucci e Gomes resgatam as classes menos favorecidas, dando-lhes vozes que estão silenciadas pela opressão dos

poderosos. Com o objetivo de não nomear os personagens, Saramago demonstra que eles não existem. Vagam pelo mundo sem reconhecimento, nasceram, viveram e morrerão sem ninguém saber sobre suas vidas.

As pessoas famosas da sua coleção, por onde quer que andem, têm sempre um jornal ou uma revista a seguir-lhes a pista e a fungar-lhes o cheiro para mais uma fotografia, para mais uma pergunta, mas da gente vulgar ninguém quer saber, ninguém se interessa verdadeiramente por ela, ninguém se preocupa com saber o que faz nem o que pensa, nem o que sente, mesmo nos casos em que se quer fazer crer o contrario, é fingido (T.N, 1997, p. 55) .

José Saramago critica a sociedade que finge amabilidade com o seu semelhante, que se preocupa, mas para o autor isso não é verdade. A massa popular não é reconhecida, não representa nada, principalmente nesse mundo capitalista e globalizado. A esse respeito Benjamim Abdala Júnior acrescenta que:

Toda arte literária desse ficcionista português aponta para as suas convicções político-sociais, dialogando com imagens da Utopia Socialista. Ao individualismo contemporâneo (para ele um mundo de cegos) opõe o seu sonho de uma sociedade mais humana, pautada pelos valores da solidariedade. (Abdala Júnior 2002, p.72)

Ressaltamos que Saramago, busca realmente a valorização das classes menos favorecidas, bem como a interação social, tirar o homem do individualismo e engajá-lo no coletivo. Para mostrar essa individualidade da sociedade ele cria um personagem que seria o representante de tal característica. O protagonista Sr. José, como podemos observar abaixo, *não era pessoa para receber visitas de colegas no intervalo do almoço (...)* (T.N. 1997, p. 22).

Nesse sentido podemos ressaltar que o protagonista representa a identidade fixa, pelo fato de ser nomeado. Mas ao mesmo tempo notamos que Saramago faz uma inversão identitária para falar das hierarquias sociais, pois o protagonista é nomeado. Entretanto como funcionário da Conservatória ele é oprimido e alienado. Conforme diz o narrador:

Na conservatória e fora dela, ao nomeado, um tom de desdém, ou de ironia, ou de irritação, ou de condescendência. [...]o conservador deu a ordem, Sr. José, mude-me aquelas capas, um ouvido atento e

afinado teria reconhecido na sua voz algo que se poderia classificar [...] como indiferença autoritária, isto é, um poder tão seguro de si mesmo que não só tinha mostrado ignorar a pessoa a quem se dirigia, não a olhando sequer, como desde logo deixava claro que não se rebaixaria depois verifica se a ordem havia sido cumprida (T.N.,1997, p. 20).

O protagonista trabalha há vinte e seis anos nesse lugar, sem jamais reclamar, é honesto, dedicado e dominado pelo conservador. Comprovamos este fato no discurso do Conservador: *A única pessoa, aqui, que não comete faltas, sou eu, [...] sabe que tem de olhar sempre para mim quando lhe falo, é do regulamento disciplinar, eu sou o único que tem direito a desviar os olhos [...]* (T.N. 1997, p.78/9).

Observamos acima, o autoritarismo do Conservador, demonstrando que esse chefe é a personificação dos poderosos que exploram as classes menos favorecidas; Sr. José obedecia às ordens dele. Mas quando encontrou o verbete da mulher desconhecida, descobriu que existiam muitas pessoas que estavam no anonimato, à margem da sociedade que a conservatória abrigava:

Como este verbete há de certeza centenas no ficheiro, senão milhares, [...] há trinta e seis anos um outro auxiliar de escrita escreveu as palavras que aqui se podem ler, o nome da menina, os nomes dos pais [...] o andar onde ela viu a primeira luz e sentiu a primeira dor, um princípio como o de toda a gente, as grandes e pequenas diferenças vêm depois, alguns dos que nasceram entram nas enciclopédias, nas histórias, nas biografias, nas coleções de jornais, os outros, mal comparando, são como nuvens que passaram sem deixar sinal de ter passado, se choveu não chegou para molhar a terra. Como eu, pensou o Sr. José [...] (T.N. 1997, p.37/38)

O Sr. José nesse momento reflete sobre os demais indivíduos e sobre si mesmo, reconhecendo que durante a vida os seres humanos são separados em diferentes classes sociais e etnia, entretanto, todos os homens são iguais perante a morte, uma vez que a vida é passageira. No momento em que o Sr. José tomou consciência de sua posição social, já revestido de um espírito de luta, mesmo correndo o risco de ser despedido do emprego ele não desistiu do seu objetivo apesar da advertência do conservador: *aplico-lhe um dia de suspensão [...] De salário [...] Desejo para o seu bem, que lhe sirva de emenda, que volte rapidamente a ser o funcionário correcto que era antes* (T.N. 1997, p79.).

Conforme vimos, mesmo recebendo uma suspensão no trabalho, Sr. José não desistiu de sua procura. Diante dessa convicção consideramos que o auxiliar da escrita tinha vontade própria e buscava vencer as dificuldades ao trilhar o seu próprio caminho. Nessa busca pela mulher desconhecida, o protagonista passa por três lugares: a conservatória, a escola e o cemitério. Esses três lugares são representados como labirintos, ou seja, a sociedade, as diversidades identitárias, pois, nos três lugares cabem todos os nomes, conforme o trecho a seguir:

A divisa não escrita deste cemitério Geral é Todos os Nomes. [...] a conservatória é que estas palavras assentam como uma luva, porquanto é nela que todos os nomes efetivamente se encontram, tanto os dos mortos como os dos vivos, ao passo que o cemitério [...] terá de contentar-se sempre com os nomes dos finados. (T.N. 1997, p.217)

Em outro fragmento o narrador refere-se à escola: [...] *olhou para dentro de sala [...] onde as carteiras dos alunos pareciam túmulos alinhados onde a mesa do professor era como um sombrio espaço de sacrifício, e o quadro negro o lugar onde se faziam as contas de todos.* (T.N. 1997 p. 96).

Observamos no fragmento, que quando o personagem entra na sala de aula, existe uma comparação entre a conservatória, a escola e o cemitério que podem representar respectivamente: o nascimento, a vida e a morte. Pois na conservatória e no cemitério cabem todos os nomes e a escola é o ambiente, no qual o indivíduo é introduzido à sociedade. Mergulhando no labirinto da vida das pessoas comuns o auxiliar da escrita reflete:

Ao princípio quando lhe aparecia um maço de verbetes ia imediatamente ao que interessava, depois começou a demorar-se em nomes, em imagens por nada, só porque ali estavam e mais ninguém ali voltaria a entrar neste sotão para afastar a poeira que cobria centenas, milhares de rostos de rapazes e raparigas, olhando de frente a objectiva, o outro lado do mundo, à espera não sabia de quê. Na conservatória geral não se podia ver como tinham mudado e iam mudando as caras, quando o mais importante era precisamente isso, o que o tempo faz mudar, e não o nome, que nunca varia (T. N. 1997, p.112).

A reflexão do personagem traz uma constatação da sociedade que não valoriza o ser enquanto pessoa com uma vida cheia de experiência que pode

compartilhar entre si. Ocorre o contrário, as pessoas são esquecidas como os papéis nas prateleiras da escola e da conservatória, e os túmulos dos cemitérios. Desse modo, o autor procura mostrar de uma maneira simbólica a trajetória do homem até o sepulcro. Segundo Abdala Júnior *José Saramago situa-se, assim entre os escritores motivados pela utopia libertária. [...] acreditando num mundo mais humano, libertário, sem os labirintos traçados pelos que detém o poder discricionário e transforma o Estado em extensão de suas vontades individuais (2002 p.79)*. De acordo com a afirmação acima percebemos que Saramago por ter influência neo-realista acredita em um mundo mais humanitário em que as pessoas possam viver em harmonia.

Salientamos que durante a busca pela identidade da mulher desconhecida, o protagonista reflete sobre a vida compartilhada com o outro. Conforme veremos na fala do narrador: *Em geral as pessoas não conseguem ser justas, consigo mesmo, nem com os outros. (T.N. 1997, p.. 247)*. Desse modo notamos que o autor está expondo suas opiniões sobre as atitudes humanas. Segundo Calbucci (1999), Saramago coloca posições pessoais na fala de algumas personagens (esse, aliás, é um procedimento comum em sua obra), de maneira que às vezes é necessário transpor os limites do texto para compreender com mais precisão o sentido de certas ironias.

O protagonista como já afirmamos não tinha amigos, mas a partir dessa procura fez amizades com a senhora dos rés-do-chão direito, (esse nome denomina o lugar no qual a mulher reside). Vejamos a comprovação na expressão do narrador: *se tivesse tempo ainda iria fazer uma visita rápida a Senhora do rés-do-chão direito para lhe narrar os últimos acontecimentos (T.N. 1997, p.263.)* e também manifestou um amor platônico pela mulher desconhecida. Como podemos observar nas demonstrações do narrador: *ouve, não tinha nenhum motivo para ires à procura dessa mulher a não ser, que, o amor, [...] Querias vê-la, querias conhecê-la, e isso, concordes ou não, já era de gostar (...).* (T. N., 1997, p. 248).

Ao tentar desvendar a vida da mulher desconhecida, Sr. José está em busca de si, de sua identidade, por isso, manifesta o amor ao próximo reatando assim as relações sociais que são um dos objetivos de José Saramago. Conforme enfatiza Carreira, a identidade está presente na epígrafe do romance:

A questão da identidade está implícita [...], conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens. A trajetória desesperada do Sr. José em busca do nome da mulher desconhecida equivale à busca do eu, o nome que se tem não o nome que se recebe ao nascer. (Este fragmento foi retirado do artigo da prof.<sup>a</sup> Shirley de Souza Gomes Carreira < <http://sincronia.cuch.udg.x/onaio.htm>>).

Deste modo o autor investiga a passagem da vida para a morte do homem, a escola representa o intervalo entre a vida e a morte. Durante muito tempo a personagem (mulher desconhecida) estudou para ser professora da escola. Entretanto, lá ninguém conhecia os motivos que a levaram a suicidar-se. Vejamos o fragmento que comprova isso:

Desejaria saber, disse o Sr. José, se notaram alguma alteração no estado de espírito habitual dela nos dias que antecederam o suicídio, Nenhuma, sempre foi uma pessoa discreta, muito calada [...] Era amável delicada com toda a gente, mas não creio que alguém aqui possa dizer que tivesse com ela relação de amizade [...] (T. N. 1997 p.266).

Aparentemente a mulher desconhecida não tinha motivo para tirar sua vida, pois era uma pessoa independente. Nessa perspectiva, José Saramago questiona tal questão para suscitar dúvidas e discutir tudo que está relacionado com a vida humana, os medos, as desgraças, a morte, a vida, o suicídio entre outros fatores.

Em *Todos os Nomes* Saramago expressa suas opiniões através do narrador: *Provavelmente tinha razão quando disse que talvez nenhum suicídio possa ser explicado, Racionalmente explicado, [...] tudo se passou como se ela não tivesse feito mais do que abrir uma porta e sair, Ou entrar [...] conforme o ponto de vista [...]* (T.N.1997, p. 267). No fragmento percebemos que o autor questiona o suicídio colocando em dúvida, a dessacralização dos temas que são condenados pela sociedade.

José Saramago desconstrói a idéia de que as pessoas que jazem no cemitério não correspondem aos mesmos nomes inscritos no óbito de morte, isto é, a desconstrução do modelo de identidade está implícita nos números das campas, uma vez que o número inscrito no Cemitério Geral não corresponde à tumba da pessoa enterrada. Isso ocorre porque as pessoas são

reduzidas a números, ou mesmo, a nomes que não dizem nada sobre o que a pessoa é. Conforme desabafa o narrador:

A pessoa que está aqui, disse o pastor [...] não é aquela que você julga. [...] Quer dizer que esse número está enganado [...] Um número é um número, um número nunca engana, respondeu o pastor, se levassem de cá este e o colocassem noutra sítio, mesmo que fosse no fim do mundo, continuaria a ser o número que é [...] Nenhum dos corpos que estão aqui corresponde aos nomes que se lêem nas placas de mármore [...] (T.N. 1997, p.239)

Nessa citação percebemos que a identidade está implícita porque o número sugere o nome, e o nome ao ser trocado significa identidade variável, trocando assim (uma campa que não corresponde à pessoa enterrada) as identidades.

José Saramago no decorrer do romance em questão comenta sobre a identidade: [...] *as pessoas são tão zelosas da sua identidade, por vaga que seja, e da sua autoridade, por pouca que tenham, que preferem dar-nos a entender que reflectiram antes de dar o último passo [...]* (T. N. 1997, p.41). Está expresso no fragmento a questão identitária e autoritária do ser humano sobre o fato das pessoas não assumirem suas vontades, identidade, sem antes fingir que pensaram sobre o assunto, somente para não demonstrar suas verdadeiras opiniões a respeito de algumas atitudes antes de resolvê-las.

Para assumir um papel, o homem finge uma reflexão para zelar da identidade. Isso fica expresso na personificação do protagonista no momento em que apresenta duas facetas. O protagonista no momento em que decide falsificar a credencial e ir à procura da mulher desconhecida, reflete antes de tomar a decisão. Isso ocorre para não demonstrar sua verdadeira identidade que até então não havia sido manifestada.

Podemos ressaltar que a personagem, mulher desconhecida, sugere as diversas facetas identitárias do homem. Como afirmamos, pelo fato dela apresentar uma identidade perante o diretor e seus pais, ou seja, no ambiente familiar e profissional, podemos afirmar que ela manifestava atitudes de uma mulher independente e era considerada uma boa filha mas, ainda assim suicidou-se. Vejamos a seguir a comprovação: *Quer dizer que suicidou assim sem mais nem menos, [...] teve com certeza as suas razões, mas nós não as conhecemos. [...]* (T.N. 1997, p.257). Em outro trecho a afirmação do diretor:

*Era uma boa professora [...] Era amável, delicada com toda a gente (idem, 266).*

Como afirmamos, a mulher desconhecida, tinha duas identidades, assumia dois papéis perante a sociedade, mas ao suicidar-se ficam obscuros os motivos que a levaram à prática desse ato. Dessa forma, afirmamos que ela possuía uma outra identidade a qual não conseguimos desvendar. Para solucionar esse mistério que envolvia essa mulher o Sr. José vai até ao cemitério encontrar a campa dela para desvendar suas identidades. Mas, chegando lá passou por diversos túmulos e dormiu no cemitério, encostado em uma oliveira: *A árvore a que o Sr. José se acolheu é uma oliveira antiga [...] (T.N. 1997, p. 236)*

Saramago insere em suas narrativas os símbolos, como é o caso da oliveira, símbolo clássico da Paz de Deus com os homens, e aqui é representada como símbolo da natureza com o Sr. José, de certa forma com os mortos que estão enterrados ali num silêncio total para sempre. De acordo com evidências do narrador, o que importa não é a veneração que as pessoas fazem dos mortos e sim aquilo que essas pessoas fizeram enquanto viveram, porque depois de mortos, os seres estão reduzidos ao pó. Por isso, Saramago não crê na vida após a morte, por isso, expressa através do narrador suas convicções a cerca desse assunto:

Num caminho cheio de tantos mortos, nenhum deles se levantou quando ouviu passar, nenhum deles lhes rogou que ajudasse a reunir a poeira esparzida da carne aos ossos despegados dos encaixes, nenhum lhe pediu, Vem soprar-me ao olho o bafo da vida. (T. N.1997, 234).

Afirmamos que na obra em análise, Saramago procura demonstrar ao ser humano que deve valorizar a vida, porque a morte é o fim. Como se observa nas declarações do próprio autor:

Não acredito na vida eterna, embora vá inventado formas de dar-lhes alguma eternidade à vida. Quando invento em Todos os Nomes uma conservatória onde estão todos os nomes e um cemitério onde estarão todos os mortos, no fundo é uma forma de dar eternidade àquilo que não é eterno, ou pelo menos dar permanência. (Entrevista concedida por Saramago a revista Playboy 1998).

Em consonância com a afirmação de Saramago salientamos que o mesmo, não acredita na vida após a morte, por isso procura eternizar a vida, através das relações sociais de igualdade entre os homens.

Ainda no Cemitério, o protagonista encontra o pastor de ovelhas que leva seu rebanho todas as manhãs para pastar. Conforme veremos a seguir: *Tinha diante de si uma grande extensão campestre com numerosas árvores, quase um bosque, onde as sepulturas, se não fossem as mal visíveis pedras tumulares, mais pareciam tufo de vegetação natural. (T.N. 1997, p.230).* O velho pastor leva o rebanho para pastar na vegetação em meio aos túmulos. Esse velho pastor dá uma lição de vida ao Sr. José, dizendo que *as pessoas que suicidaram-se não querem ser encontradas, ficando Assim definitivamente livre de importunações. (T. N.1997, p.257).*

Com os dizeres do pastor podemos concluir que a mulher suicida não tinha uma boa relação familiar, nem relacionamento de amizade e que esta sentia-se inquieta. As afirmações do pastor de ovelhas mostram que a sociedade não tem o direito de chorar aquele a quem não concedeu respeito e atenção enquanto vivas. Vejamos as palavras do narrador: *Não se moveu durante os escassos dois minutos que os acompanhantes ainda se conservaram ao pé da Campa dizendo palavras inúteis e enxugando alguma lágrima. (T. N.1997, p. 243)*

Observamos a ironia do narrador ao referir-se ao parente de um morto, como se suas palavras diante da dor e do choro não tivessem significação. (esse enterro é de outro morto que ele presenciou enquanto estava no Cemitério). O fato de o autor comentar sobre o suicídio quando o protagonista passa pelo talhão dos suicidas, nos leva a crer que é uma forma dele expor este assunto tão repudiado pela sociedade. O suicídio é uma recusa da sociedade, porque esta entende que ninguém tem o direito de tirar a vida, esse direito fica reservado a Deus. Mas para Saramago essa abdicação da vida ocorre, tendo em vista que estas pessoas são infelizes e vivem esquecidas, então o que lhes resta é a morte. Como veremos nas afirmações do narrador: *A mulher está, pois ali, fecharam-se para ela todos os caminhos do mundo, andou o que tinha de andar, parou onde quis... (T. N. 1997 p. 235).*

## ES CONSULTADOS

[/saramago.4html](#)

[g.x/onao.htm](#)

[osesaramago](#)

## BIBLIOGRAFIA

David. Condição Pós Moderna 11ª ed., São Paulo: Loyola, 1992.

LEON, Linda. Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CH, Ingedore Villaça. O Texto e construção dos sentidos. São Paulo. Contexto, 2002.

OLIVEIRA FILHO, Odil José de. Carnaval no convento: Intertextualidade e Paródia em José Saramago. São Paulo: Ática, 2000.

ROMUALDO, Edson Carlos. Charges jornalísticas intertextualidade e Polifonia: um estudo sobre Charges da folha de São Paulo reimp. Maringá: Educem, 2000.

SCHULLER, Donaldo. Teoria do Romance. São Paulo: Ática, 2000.

VALENCY, Gisele. A Crítica Textual. In: Métodos Críticos para análise literária. São Paulo: Martins Fontes, 1997.





